Alta no preço do aço traz riscos para a retomada da economia

O mercado do aço no Brasil tem registrado números que superam, e muito, a performance da economia nacional. Em 2021, o reajuste nas usinas para os distribuidores foi de 35%, enquanto que o acumulado no ano passado chegou a 86%. Os dados foram apresentados na audiência pública virtual da Comissão de Economia, Desenvolvimento Sustentável e do Turismo da Assembleia Legislativa, nesta quarta-feira (16), que tratou sobre os impactos na alta do preço do aço na economia gaúcha.

Proposto pelo deputado Clair Kuhn (MDB), o debate reuniu representantes da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), da Associação do Aço do **RS** (AARS), do Instituto Aço Brasil, do Sindicato das Indústrias da **Construção Civil** (**Sinduscon**), prefeitos e demais representantes de prefeituras e entidades do setor.

O vice-presidente da Abimaq, Hernane Cauduro, lamentou que o aumento do preço da matéria-prima ocorra ao mesmo tempo do incremento da demanda por máquinas agrícolas no Brasil. De acordo com ele, 90% das empresas do setor compram o produto de revendedores que aumentaram o preço em 140% durante a pandemia, repassando o aumento da usina.

Para Cauduro, um dos principais problemas é a incerteza quanto ao preço da máquina no momento da entrega ao comprador. Vivemos total incerteza , afirmou, acrescentando que os preços internacionais também impactam o setor.

Uma das influências é causada pela mudança de estratégia chinesa para o aço, ao retirar subsídios para exportação, apostando no comércio de produtos agregados. Para o vice-presidente da Abimaq, o Brasil também deveria adotar uma mudança estrutural e estratégica para o aço. Precisamos de políticas de desenvolvimento onde o aço é estratégico , apontou. Ele previu ainda que, se a economia brasileira crescer de 4% a 5% nos próximos anos, haverá problemas de abastecimento.

Os representantes da Anfavea, Adriano Barros, Marcos Saltini e Ana Helena de Andrade, diagnosticaram a elevação de preço e os impactos no segmento e os reflexos para a sociedade. Além do custo nos produtos, a médio prazo também haverá aumento do frete, das tarifas do transporte público e dos alimentos produzidos no país. Saltini alertou ainda para novos aumentos do preço do aço no próximo semestre.

Obras públicas afetadas

O prefeito de Quinze de Novembro, Gustavo Stolte, expôs preocupações como redução de empregos, queda de arrecadação e problemas com licitações em **obras públicas**. O município pertence à região do Alto Jacuí, segundo polo de indústrias de máquinas no Estado. "Minha preocupação como administrador é que esse aumento de preço dificulta a relação para vender o produtor na região visto que a competitividade fica mais difícil", considerou.

O prefeito afirmou ainda que há necessidade de distrato de licitações finalizadas e que em alguns casos não haverá tempo hábil para conclusão de contratos de recursos do governo federal. Ele exemplificou o caso da compra de uma máquina em Quinze de Novembro, que levou um ano para ser liberada e o preço sofreu acréscimo de 35% no período. "Como prever aumentos significativos do custo das **obras públicas** em razão da alta do preço do aço? ", questionou, enfatizando que é preciso atualizar a tabela Sinapi (Sistema Nacional de Índices da **Construção Civil**), o banco de dados com preços de serviços e insumos usados na indústria da construção, mantido pela Caixa Econômica Federal.

O representante da Associação do Aço no **RS**, Mauro de Paula, disse que após a pandemia houve uma demanda abrupta pelo aço e a elevação de preços ocorreu também em outros insumos, como o cimento.

Duração

A representante da Aço Brasil, que reúne os produtores de Aço, Bárbara Oliveira, assegurou que os preços internacionais dos produtos tiveram um novo ciclo de alta. Ela comparou os preços praticados no mercado interno brasileiro com o mesmo mercado em outros países e encontrou similaridade. Bárbara observou que esse fenômeno não deve durar muito tempo.

Já o representante do **Sinduscon**, Alexandre de

Almeida, garantiu que o momento é excepcional, com aumentos que trazem problemas em contratos assinados e uma considerável redução de novas vendas.

Encaminhamentos

Presidente da Frente Parlamentar para a Retomada da Economia, o deputado Clair sugeriu que a Comissão enviasse documento aos ministérios da Economia e Minas e Energia, recomendando a importação do aço com o objetivo de regular o Mercado. Se continuarem os aumentos, o país vai parar de construir e consumir e a retomada da economia será diretamente afetada , alertou. Kuhn também recomendou que a bancada gaúcha no Congresso Nacional promova uma audiência pública sobre o tema.

O presidente da Comissão de Economia, deputado Zé Nunes, que coordenou os trabalhos da audiência, informou que encaminhará o relatório do encontro para a Comissão similar, na Câmara dos Deputados.

* Com informações de Vicente Romano

Site:
http://www.al.rs.gov.br/agenciadenoticias/destaque/tabid/855/IdMateria/324459/Default.aspx

Audiência examina impacto na economia gaúcha da alta do preço do aço

Proposta pelo deputado Clair Kuhn (MDB), audiência pública da Comissão de Economia, Desenvolvimento Sustentável e do Turismo, realizada na manhã desta quarta-feira (16), examinou o impacto na economia gaúcha da elevação do preço do aço, principal materia-prima da indústria metalmecânica e um dos mais importantes insumos para o setor da **construção civil**. Em 2021, o preço foi reajustado pelas usinas para os distribuidores em 35%, enquanto que o acumulado no ano passado chegou a 86%, afetando segmentos como produção de eletrodomésticos, implementos rodoviários e agrícolas. A instabilidade também afeta a **construção civil** e **obras públicas**

O evento, em formato virtual, reuniu representantes do Aço Brasil (produtores brasileiros da liga metálica), Associação do Aço no Rio Grande do Sul, Anfavea, Abimac, **Sinduscon** e prefeituras gaúchas.

Conforme o vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos da regional Rio Grande do Sul (ABIMAQ-**RS**), Hernane Cauduro, lamentou que o aumento do preço da matéria-prima aconteça ao mesmo tempo do incremento da demanda de máquinas agrícolas no país. Cauduro afirmou que 90% das empresas do setor compram o produto de revendedores que aumentaram o preço em 140% durante o período da pandemia, repassando o aumento da usina. Para o dirigente da Abimaq, um dos principais problemas é a incerteza quanto ao preço da máquina na entrega ao comprador. Vivemos total incerteza , afirmou, acrescentando que os preços internacionais também impactam o setor. Uma destas influências vem da mudança de estratégia chinesa para o aço. Ele contou que a China retirou subsídios para exportação, apostando no comércio de produtos agregados. Cauduro também quer que o Brasil adote uma mudança estrutural e estratégica para o aço. Precisamos de políticas de desenvolvimento onde o aço é estrategico , apontou. Ele previu ainda que, se a economia brasileira crescer de 4 a 5% nos próximos anos, haverá problemas de abastecimento.

Os representantes da Anfavea, Adriano Barros, Marcos Santini e Ana Helena de Andrade diagnosticaram a elevação de preço e os impactos no segmento e os reflexos para a sociedade. Além do preço dos nossos produtos, a médio prazo também haverá aumento do frete e das tarifas do transporte público e no custo dos alimentos produzidos no país. Santini projetou novos aumentos do preço do aço no próximo semestre.

Gustavo Stolte, prefeito de 15 de novembro, município que pertence à região do Alto Jacuí, segundo Polo de indústrias de máquinas no **RS**, expôs preocupações como redução de empregos, queda de arrecadação e problemas com licitações em **obras públicas**. Como prever aumentos significativos do custo das **obras públicas** em razão da alta do preço do aço? , questionou. O prefeito afirmou ainda, que a necessidade de destratos de licitações finalizadas e que em alguns casos não haverá tempo hábil para conclusão de contratos de recursos do Governo Federal.

O representante da Associação do Aço no **RS**, Mauro de Paula, disse que após pandemia houve uma demanda abrupta pelo aço e a elevação de preços aconteceu também em outros insumos, como o cimento.

A representante da Aço Brasil, que reúne os produtores de Aço, Bárbara Oliveira, assegurou que os preços internacionais dos produtos tiveram um novo ciclo de alta. Ela comparou os preços praticados no mercado interno do Brasil com o mesmo mercado em outros países e encontrou similaridade. Bárbara observou que esse fenômeno não deve durar muito tempo.

Já o representante do **Sinduscon**, Alexandre de Almeida, garantiu que o momento é excepcional, com aumentos que trazem problemas em contratos assinados e uma considerável redução de novas vendas.

O deputado Clair Kuhn (MDB), presidente da Frente Parlamentar da Retomada da Economia, sugeriu que a Comissão enviasse documento aos ministérios da Economia e Minas e Energia, recomendando a importação do aço com o objetivo de regular o Mercado. Se continuarem os aumentos, o país vai parar de construir e consumir , alertou. Kuhn também recomendou que a bancada gaúcha no Congresso Nacional realize audiência pública sobre o tema.

O presidente da Comissão de Economia, deputado Zé Nunes, que coordenou os trabalhos da audiência, informou que encaminhará o relatório do encontro para

a Comissão similar, na Câmara dos Deputados.

Reunião Ordinária

Antes da audiência, cumprindo a pauta da Ordem do Dia da reunião ordinária da Comissão, os parlamentares aprovaram o parecer favorável do deputado Zé Nunes ao PL 54/2020, que declara o município de Vitor Graeff Capital Estadual da Cuca com Linguiça . A proposição é de autoria do deputado Aloísio Classmann (PTB).

No mesmo período, o Colegiado autorizou a realização de audiência pública, requerida pelo presidente Zé Nunes (e mais nove deputados), para tratar do cumprimento da Lei do Piso Salarial no Rio Grande do Sul.

Assuntos Gerais

No espaço de Assuntos Gerais o deputado Zé Nunes criticou a política econômica implantada pelo governo federal. Para ele, o governo tem levado a população brasileira à uma situação dramática com restrição da atividade econômica e aumento da inflação. Zé Nunes disse que está preocupado com a possível elevação da taxa Selig pelo Comitê de Política Monetária (Copom), que segundo o parlamentar pode impactar negativamente o Plano Agrícola a ser apresentado pelo Governo Federal. As medidas apresentadas têm resultado ruim. O Governo perdeu o fio da meada , lastimou.

No mesmo segmento da reunião, o deputado Adolfo Brito (PP) registrou a aprovação, ontem, pelo plenário da Assembleia, do projeto de Lei 550/2019, de sua autoria, que denomina de Rodovia Arno Frantz a ERS-418, no trecho entre Monte Alverne e Santa Cruz do Sul. É um importante reconhecimento a um líder local e popular, que foi prefeito de Santa Cruz e ex-deputado estadual , destacou.

Presenças

Participaram da reunião os deputados Zé Nunes (PT), presidente, Adolfo Brito (PP), Aloisio Classmann (PTB), Eduardo Loureiro (PDT), Eric Lins (DEM), Fernando Marroni (PT), Giuseppe Riesgo (Novo), Pedro Pereira (PSDB) e Tiago Simon (MDB).

Site:
http://www.al.rs.gov.br/agenciadenoticias/destaque/tabid/855/IdMateria/324449/Default.aspx

Deputados debatem alta do aço e os impactos na economia gaúcha

A Comissão de Economia, Desenvolvimento Sustentável e do Turismo da Assembleia Legislativa, presidida pelo deputado Zé Nunes (PT), realizou nesta quarta-feira (16), audiência pública que tratou do impacto na economia gaúcha da elevação do preço do aço, principal matéria-prima da indústria metalmecânica e um dos mais importantes insumos para o setor da **construção civil**.

A Comissão de Economia, Desenvolvimento Sustentável e do Turismo da Assembleia Legislativa, presidida pelo deputado Zé Nunes (PT), realizou nesta quarta-feira (16), audiência pública que tratou do impacto na economia gaúcha da elevação do preço do aço, principal matéria-prima da indústria metalmecânica e um dos mais importantes insumos para o setor da **construção civil**.

Em 2021, o preço foi reajustado pelas usinas para os distribuidores em 35%, enquanto o acumulado no ano passado chegou a 86%, afetando segmentos como produção de eletrodomésticos, implementos rodoviários e agrícolas. A instabilidade também afeta a **construção civil** e as **obras públicas**.

A situação do setor será encaminhada à Comissão de Economia da Câmara Federal, ao Ministério da Economia, à bancada gaúcha na Câmara, ao Senado, e ao Ministério de Minas e Energia. "Há perspectiva de aumento das taxas de juros e desvalorização da moeda real. Os custos com investimento têm crescido, o que dificulta a retomada e o reaquecimento da economia brasileira, e o governo precisa tomar a frente", argumentou Zé Nunes. O evento, em formato virtual, reuniu representantes do Aço Brasil (produtores brasileiros da liga metálica), Associação do Aço no Rio Grande do Sul, Anfavea, Abimaq, **Sinduscon** e prefeituras gaúchas.

O vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos da regional Rio Grande do Sul (Abimaq-**RS**), Hernane Cauduro, lamentou que o aumento do preço da matéria-prima aconteça ao mesmo tempo do incremento da demanda de máquinas agrícolas no país. Cauduro afirmou que 90% das empresas do setor compram o produto de revendedores que aumentaram o preço em 140% durante o período da pandemia, repassando o aumento da usina. Para ele, um dos principais problemas é a incerteza quanto ao preço da máquina na entrega ao comprador. Vivemos total incerteza , afirmou, acrescentando que os preços internacionais também impactam o setor. Uma destas influências vem da mudança de estratégia chinesa para o aço. Ele contou que a China retirou subsídios para exportação, apostando no comércio de produtos agregados. Cauduro também quer que o Brasil adote uma mudança estrutural e estratégica para o aço. Precisamos de políticas de desenvolvimento onde o aço é estratégico , apontou. Ele previu ainda que, se a economia brasileira crescer de 4 a 5% nos próximos anos, haverá problemas de abastecimento.

Os representantes da Anfavea, Adriano Barros, Marcos Santini e Ana Helena de Andrade diagnosticaram a elevação de preço e os impactos no segmento e os reflexos para a sociedade. Além do preço dos nossos produtos, a médio prazo também haverá aumento do frete e das tarifas do transporte público e no custo dos alimentos produzidos no País. Santini projetou novos aumentos do preço do aço no próximo semestre.

O prefeito de Quinze de Novembro, Gustavo Stolte, município que pertence à região do Alto Jacuí, segundo polo de indústrias de máquinas no **RS**, expôs preocupações como redução de empregos, queda de arrecadação e problemas com licitações em **obras públicas**. Como prever aumentos significativos do custo das **obras públicas** em razão da alta do preço do aço? , questionou. O prefeito afirmou ainda, que a necessidade de destratos de licitações finalizadas e que em alguns casos não haverá tempo hábil para conclusão de contratos de recursos do governo federal.

A representante da Aço Brasil, Bárbara Oliveira, assegurou que os preços internacionais dos produtos tiveram um novo ciclo de alta. Ela comparou os preços praticados no mercado interno do Brasil com o mesmo mercado em outros países e encontrou similaridade. Bárbara observou que esse fenômeno não deve durar muito tempo. Já o representante do **Sinduscon**, Alexandre de Almeida, garantiu que o momento de excepcionalidade, com aumentos que trazem problemas em contratos assinados e uma considerável redução de novas vendas.

Para o deputado Clair Kuhn (MDB), se esses aumentos continuarem, o País vai parar de construir e

consumir. Ele sugeriu que a bancada gaúcha no Congresso Nacional realize audiência pública sobre o tema.

Site:
https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/economia/2021/06/797349-deputados-debatem-alta-do-aco-e-os-impactos-na-economia-gaucha.html

Audiência examina impacto na economia gaúcha da alta do preço do aço

Proposta pela deputado Clair Kuhn (MDB), audiência pública da Comissão de Economia, Desenvolvimento Sustentável e do Turismo, realizada na manhã desta quarta-feira (16), examinou o impacto na economia gaúcha da elevação do preço do aço, principal materia-prima da indústria metalmecânica e um dos mais importantes insumos para o setor da **construção civil**. Em 2021, o preço foi reajustado pelas usinas para os distribuidores em 35%, enquanto que o acumulado no ano passado chegou a 86%, afetando segmentos como produção de eletrodomésticos, implementos rodoviários e agrícolas. A instabilidade também afeta a **construção civil** e **obras públicas**

O evento, em formato virtual, reuniu representantes do Aço Brasil (produtores brasileiros da liga metálica), Associação do Aço no Rio Grande do Sul, Anfavea, Abimac, **Sinduscon** e prefeituras gaúchas.

Conforme o vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos da regional Rio Grande do Sul (ABIMAQ-**RS**), Hernane Cauduro, lamentou que o aumento do preço da matéria-prima aconteça ao mesmo tempo do incremento da demanda de máquinas agrícolas no país. Cauduro afirmou que 90% das empresas do setor compram o produto de revendedores que aumentaram o preço em 140% durante o período da pandemia, repassando o aumento da usina. Para o dirigente da Abimaq, um dos principais problemas é a incerteza quanto ao preço da máquina na entrega ao comprador. Vivemos total incerteza , afirmou, acrescentando que os preços internacionais também impactam o setor. Uma destas influências vem da mudança de estratégia chinesa para o aço. Ele contou que a China retirou subsídios para exportação, apostando no comércio de produtos agregados. Cauduro também quer que o Brasil adote uma mudança estrutural e estratégica para o aço. Precisamos de políticas de desenvolvimento onde o aço é estrategico , apontou. Ele previu ainda que, se a economia brasileira crescer de 4 a 5% nos próximos anos, haverá problemas de abastecimento.

Os representantes da Anfavea, Adriano Barros, Marcos Santini e Ana Helena de Andrade diagnosticaram a elevação de preço e os impactos no segmento e os reflexos para a sociedade. Além do preço dos nossos produtos, a médio prazo também haverá aumento do frete e das tarifas do transporte público e no custo dos alimentos produzidos no país. Santini projetou novos aumentos do preço do aço no próximo semestre.

Gustavo Stolte, prefeito de 15 de novembro, município que pertence à região do Alto Jacuí, segundo Polo de indústrias de máquinas no **RS**, expôs preocupações como redução de empregos, queda de arrecadação e problemas com licitações em **obras públicas**. Como prever aumentos significativos do custo das **obras públicas** em razão da alta do preço do aço? , questionou. O prefeito afirmou ainda, que a necessidade de destratos de licitações finalizadas e que em alguns casos não haverá tempo hábil para conclusão de contratos de recursos do Governo Federal.

O representante da Associação do Aço no **RS**, Mauro de Paula, disse que após pandemia houve uma demanda abrupta pelo aço e a elevação de preços aconteceu também em outros insumos, como o cimento.

A representante da Aço Brasil, que reúne os produtores de Aço, Bárbara Oliveira, assegurou que os preços internacionais dos produtos tiveram um novo ciclo de alta. Ela comparou os preços praticados no mercado interno do Brasil com o mesmo mercado em outros países e encontrou similaridade. Bárbara observou que esse fenômeno não deve durar muito tempo.

Já o representante do **Sinduscon**, Alexandre de Almeida, garantiu que o momento é excepcional, com aumentos que trazem problemas em contratos assinados e uma considerável redução de novas vendas.

O deputado Clair Kuhn (MDB), presidente da Frente Parlamentar da Retomada da Economia, sugeriu que a Comissão enviasse documento aos ministérios da Economia e Minas e Energia, recomendando a importação do aço com o objetivo de regular o Mercado. Se continuarem os aumentos, o país vai parar de construir e consumir , alertou. Kuhn também recomendou que a bancada gaúcha no Congresso Nacional realize audiência pública sobre o tema.

O presidente da Comissão de Economia, deputado Zé Nunes, que coordenou os trabalhos da audiência, informou que encaminhará o relatório do encontro para

a Comissão similar, na Câmara dos Deputados.

Reunião Ordinária

Antes da audiência, cumprindo a pauta da Ordem do Dia da reunião ordinária da Comissão, os parlamentares aprovaram o parecer favorável do deputado Zé Nunes ao PL 54/2020, que declara o município de Vitor Graeff Capital Estadual da Cuca com Linguiça . A proposição é de autoria do deputado Aloísio Classmann (PTB).

No mesmo período, o Colegiado autorizou a realização de audiência pública, requerida pelo presidente Zé Nunes (e mais nove deputados), para tratar do cumprimento da Lei do Piso Salarial no Rio Grande do Sul.

Assuntos Gerais

No espaço de Assuntos Gerais o deputado Zé Nunes criticou a política econômica implantada pelo governo federal. Para ele, o governo tem levado a população brasileira à uma situação dramática com restrição da atividade econômica e aumento da inflação. Zé Nunes disse que está preocupado com a possível elevação da taxa Selig pelo Comitê de Política Monetária (Copom), que segundo o parlamentar pode impactar negativamente o Plano Agrícola a ser apresentado pelo Governo Federal. As medidas apresentadas têm resultado ruim. O Governo perdeu o fio da meada , lastimou.

No mesmo segmento da reunião, o deputado Adolfo Brito (PP) registrou a aprovação, ontem, pelo plenário da Assembleia, do projeto de Lei 550/2019, de sua autoria, que denomina de Rodovia Arno Frantz a ERS-418, no trecho entre Monte Alverne e Santa Cruz do Sul. É um importante reconhecimento a um líder local e popular, que foi prefeito de Santa Cruz e ex-deputado estadual , destacou.

Presenças

Participaram da reunião os deputados Zé Nunes (PT), presidente, Adolfo Brito (PP), Aloisio Classmann (PTB), Eduardo Loureiro (PDT), Eric Lins (DEM), Fernando Marroni (PT), Giuseppe Riesgo (Novo), Pedro Pereira (PSDB) e Tiago Simon (MDB).

Site:
http://www.al.rs.gov.br/agenciadenoticias/destaque/tabid/855/Default.aspx?IdMateria=324449

Alta no preço do aço prejudica a recuperação econômica de muitos setores econômicos

Tags: Sinduscon

Multimídia:
http://midia.smi.srv.br/video/2021/06/22/RBSTVAFGLOBORS-19.30.27-19.34.28-1624401412.mp4

Editor: Eugenio Bortolon
Editora assistente: Rosangela Groff

ECONOMIA

economia@correiodopovo.com.br

Sancionada lei que amplia BPC e cria auxílio-inclusão

Medida entra em vigor em 2022. Segundo o governo, novo plano de ajuda funcionará como incentivo à formalização do público beneficiado

Brasília – O presidente Jair Bolsonaro sancionou na terça-feira uma lei que amplia o alcance do Benefício de Prestação Continuada (BPC), ajuda de um salário mínimo (R$ 1,1 mil) paga a idosos e pessoas com deficiência de baixa renda. A medida, que foi aprovada em maio pelo Congresso Nacional em acerto com a equipe econômica, entra em vigor em 2022. O impacto deve ser próximo de R$ 2 bilhões no ano que vem, devido à inclusão de aproximadamente 180 mil beneficiários. O texto também cria o auxílio-inclusão, que será pago ao beneficiário do BPC que conseguir emprego com carteira assinada e terá valor de meio salário mínimo (R$ 550). A ajuda funcionará como um incentivo à formalização desse público e entra em vigor em outubro de 2021.

Para o governo, esse novo benefício vai gerar economia de recursos, uma vez que um maior número de pessoas sairá do Benefício de Prestação Continuada para receber o auxílio-inclusão. "Além de fortalecer o BPC, a lei que foi sancionada abre uma porta para a emancipação do cidadão, fazendo com que ele dependa cada vez menos do Estado e seja incluído no mercado de trabalho", disse o ministro da Cidadania, João Roma, em comunicado divulgado em suas redes sociais. A regra de concessão do BPC já esteve no centro de inúmeras quedas de braço entre o governo e o Congresso. Hoje, o benefício é concedido a quem tem renda familiar por pessoa de até R$ 275. Os parlamentares, porém, não aceitam esse limite e já tentaram, no passado, elevá-lo a R$ 550. Uma ampliação irrestrita do critério, porém, poderia ter um impacto de até R$ 20 bilhões anuais e sempre foi rejeitado pelo Ministério da Economia.

O texto sancionado é um meio-termo. Com aval da equipe econômica, os congressistas aprovaram uma ampliação do limite de renda a meio salário mínimo, mas seguindo algumas condições, como o grau de deficiência (leve, moderada ou grave), a dependência de terceiros para a realização de atividades básicas diárias e o comprometimento da renda familiar com gastos médicos, fraldas, alimentos especiais e medicamentos não disponíveis de forma gratuita ao beneficiário. O critério para a elevação da renda será gradual, de acordo com previsão futura em decreto a ser editado pela Presidência da República.

SINDUSCON-RS

Aumento dos preços de insumos na construção

"Nós temos o aumento de insumos, o aumento da taxa básica de juros e também a crise hídrica. Não faltam desafios, mas as estimativas mostram que o nosso PIB vai crescer em 2021. A balança comercial continua aquecida e, agora com a taxa de juros maior, poderemos também atrair mais capital. Já a valorização da moeda é fundamental para uma contrapartida ao aumento do preço em dólar que alguns insumos ainda mostram no mercado internacional", afirmou o coordenador do Índice de Preços ao Consumidor (IPC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o economista André Braz, durante o debate virtual sobre o tema "Impacto dos aumentos dos insumos nos contratos e na relação com o cliente", promovido pelo Sinduscon-RS.

Ao fazer uma apresentação sobre a pesquisa de comportamento de índices dos preços dos insumos, Braz revelou que os materiais e equipamentos de construção civil registraram a maior inflação acumulada em 12 meses do setor. Ele destacou que no Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA), os insumos tiveram alta de 38,66% em um ano. "Os preços de insumos, como o vergalhão de aço, foram reajustados, e as construtoras que tiveram que cumprir os prazos de entrega de seus contratos e aceitar os aumentos", afirmou Braz. Segundo o economista, a FGV iniciou um esforço para modernizar o índice e entender que tipo de materiais e serviços fazem parte da estrutura da construção e qual a importância relativa quanto ao custo total das obras. "Estabelecemos uma parceria com 24 empresas da construção espalhadas pelo território nacional, para uma revisão metodológica do orçamento analítico de empreendimentos."

ENCONTRO DA ABRAPP

Planos família e corporativos

São Paulo – A Abrapp realiza amanhã, às 9h, o Encontro Regional Sudeste e Leste, que irá debater os principais temas sobre processos organizacionais da previdência complementar. O evento virtual terá a participação do presidente da Fundação Família Previdência e diretor da regional Sul da Abrapp, Rodrigo Sisnandes, com o painel "fomento através dos planos família e planos instituídos corporativos". Outro tema será o potencial de adesão dos entes federativos à previdência complementar. O subsecretário de Previdência Complementar da Secretaria de Previdência, Paulo Valle, e o diretor-superintendente da Previc, Lúcio Capelletto, também participarão do evento.

Leia + no Blog
Acesse
www.correiodopovo.com.br/blogs
/bichoamigo

GUILHERME BAUMHARDT
gbaumhardt@radioguaiba.com.br

Lula fora

Economistas brincam ao dizer que o câmbio tem uma única função: desmoralizá-los. É um prato cheio. "Como estará o dólar ao final de 2021?", pergunta o jornalista, indaga o mercado, questiona o exportador. O economista calcula, projeta, estima e, muitas vezes, erra. Pudera. São inúmeros fatores, a maior parte deles imprevisíveis. No início de 2019, quem colocaria uma pandemia no horizonte? Em janeiro de 2001, alguém foi capaz de prever os ataques terroristas que abalaram o mundo?

Mesmo assim, vou me arriscar e entrar em terreno pantanoso. Não para tratar de dólar, mas para falar das eleições do ano que vem. Já manifestei neste espaço e, também, no "Agora", na Rádio Guaíba, o seguinte: quem vai determinar o resultado do próximo pleito será a economia. A história assim nos ensina. Vou além. Se em abril ou maio de 2022 as pesquisas (as boas) mostrarem larga vantagem de Jair Bolsonaro, reforço: Lula não entrará na disputa.

> Aguardemos. Tem muita água para rolar. Mas está escrito. Se o cenário for o descrito acima e mesmo assim ele concorrer, cobrem de mim. Só não me perguntem qual será a cotação do dólar no final do ano. Essa encrenca eu deixo para meus amigos economistas.

Fico feliz ao ver que não estou sozinho. Nesta semana, o articulista Stephen Kanitz trabalhou com o mesmo cenário. Ele escreveu, relembrando um encontro com o então candidato Lula, em 2001: Lula queria saber a nossa opinião sobre as suas reais possibilidades de ganhar a eleição naquele momento duvidoso. Achei estranho que Lula gastou os primeiros 15 minutos contando como fora difícil perder três pleitos presidenciais, e que ele não aguentaria perder uma quarta vez. 'Eu só vou me candidatar se tiver certeza de que irei ganhar', nos disse com convicção. Ninguém diz isso quando procura apoiadores. Isso foi em 2001, imaginem agora, mais velho, vinte anos depois.

Lula sabe como poucos que o fator determinante para suas pretensões passa pela economia. E sabe disso porque perdeu nas duas disputas contra Fernando Henrique Cardoso e o sucesso do Plano Real. Sabe também por que conquistou a reeleição, em 2006, apesar do lamaçal do escândalo do Mensalão. Se as previsões se confirmarem e passarmos para uma fase de crescimento acelerado, com geração de emprego e renda, a tendência natural é de manutenção do ocupante do Palácio do Planalto.

Não se trata apenas de não perder. Lula não quer queimar seu capital político. Amargar um eventual fracasso contra Bolsonaro vai além da dor da derrota. Significaria o fim de um mito e, também, o seu ocaso dentro do Partido dos Trabalhadores, ainda combalido e tentando se reerguer. Entrar na disputa e perder significaria não dar mais as cartas na sigla e ocupar um espaço de coadjuvante no cenário nacional. Não existe vácuo de poder.

Alguns podem acreditar que as manifestações recentes de Lula representam um caminho sem volta. Ou seja, ele já deu o passo definitivo rumo à candidatura. Isso é o de menos e não quer dizer absolutamente nada. Se sentir o cheiro de fracasso, o mais fácil é encontrar uma desculpa qualquer, para não passar a imagem de fujão. Quais? São várias opções: mais tempo para a família, a idade avançada, cuidar da saúde, evitar uma campanha suja, preservar a biografia, adotar o figurino de estadista... Há um manancial sem fim. Ele pode escolher uma ou mais.

Aguardemos. Tem muita água para rolar. Mas está escrito. Se o cenário for o descrito acima e mesmo assim ele concorrer, cobrem de mim. Só não me perguntem qual será a cotação do dólar no final do ano. Essa encrenca eu deixo para meus amigos economistas.

Aumento dos preços de insumos na construção

"Nós temos o aumento de insumos, o aumento da taxa básica de juros e também a crise hídrica. Não faltam desafios, mas as estimativas mostram que o nosso PIB vai crescer em 2021. A balança comercial continua aquecida e, agora com a taxa de juros maior, poderemos também atrair mais capital. Já a valorização da moeda é fundamental para uma contrapartida ao aumento do preço em dólar que alguns insumos ainda mostram no mercado internacional", afirmou o coordenador do Índice de Preços ao Consumidor (IPC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o economista André Braz, durante o debate virtual sobre o tema "Impacto dos aumentos dos insumos nos contratos e na relação com o cliente", promovido pelo **Sinduscon**-**RS**.

Ao fazer uma apresentação sobre a pesquisa de comportamento de índices dos preços dos insumos, Braz revelou que os materiais e equipamentos de **construção civil** registraram a maior inflação acumulada em 12 meses do setor. Ele destacou que no Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA), os insumos tiveram alta de 38,66% em um ano. "Os preços de insumos, co- mo o vergalhão de aço, foram reajustados, e as **construtoras** que tiveram que cumprir os prazos de entrega de seus contratos e aceitar os aumentos", afirmou Braz. Segundo o economista, a FGV iniciou um esforço para modernizar o índice e entender que tipo de materiais e serviços fazem parte da estrutura da construção e qual a importância relativa quanto ao custo total das obras. "Estabelecemos uma parceria com 24 empresas da construção espalhadas pelo território nacional, para uma revisão metodológica do orçamento analítico de empreendimentos."

Site: https://www.correiodopovo.com.br/

Alto custo de matéria-prima pressiona indústria e encarece produção

A pressão dos custos de produção segue rondando a indústria no Rio Grande do Sul e coloca um ponto de interrogação sobre o tamanho do avanço do setor neste ano. Há pelo menos nove meses, empresários convivem com a falta e o preço alto de insumos no Estado. Metais, como aço, cobre e alumínio, semicondutores e itens usados para produção de plástico estão entre os principais produtos afetados pela crescente nos preços. Esse movimento também afeta os consumidores, que encontram preços mais altos em alguns produtos no varejo.

Pesquisa da Federação das Indústrias do Estado (**Fiergs**) mostra que 74,4% dos empresários do setor citaram a falta ou o elevado custo de matérias-primas como o principal problema enfrentado no primeiro trimestre, período que também contou com restrições mais severas nas atividades diante da pandemia. Os dados são os mais recentes do levantamento da entidade e apontam crescimento de 1,3 ponto percentual em relação ao quarto trimestre de 2020. A preocupação com a disponibilidade e com preço mais salgado dos insumos tem protagonismo no Estado desde o terceiro trimestre de 2020. O indicador alcançou uma sequência de três trimestres seguidos em níveis mais altos (veja mais abaixo).

O economista-chefe da **Fiergs**, André Nunes de Nunes, afirma que, neste momento, o aumento nos preços é o principal problema enfrentado pelas indústrias, principalmente no âmbito dos metais e de grãos, como milho.

- A oferta começa a ser restabelecida, a ser normalizada, ainda que com custos em patamar muito elevado. A gente observa que a reclamação em relação à falta diminuiu, mas os custos ainda não se acomodaram. Eles continuam avançando - salienta.

Nunes afirma ainda que alguns segmentos da indústria, como o de alimentos, tentam, na medida do possível, repassar esses aumentos. Já alguns setores ligados aos bens duráveis, como autopeças, móveis e utensílios domésticos, já observam baixa na demanda em razão dos preços mais elevados em um cenário de renda limitada, segundo o especialista. Em um contexto mais geral, o economista avalia que a permanência de preços elevados e a diminuição do consumo das famílias podem frear a produção da indústria:

- Falando em termos gerais, no agregado da indústria, o que a gente tende a ver se continuar com essa escalada de preços é uma acomodação da produção.

No primeiro semestre do ano passado, com as incertezas em relação aos impactos da pandemia na economia, algumas cadeias produtivas, como as ligadas aos metais, interromperam os trabalhos. Com a retomada com mais fôlego em alguns setores da indústria no segundo semestre, a demanda por matéria-prima aumentou substancialmente. Em um cenário com menos estoque, o preço dos insumos saltou. A alta nos preços das commodities no cenário internacional e do dólar também impactou no preço de produtos usados pela indústria. Neste ano, esse desalinhamento persiste.

Ruben Bisi, diretor Institucional da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul (CIC Caxias), afirma que o aço é o insumo que mais causa impacto no município da Serra, principal polo metalmecânico do Estado. Além da falta de material, o preço mais elevado dificulta o ritmo do setor, principalmente nas pequenas e médias empresas, que não conseguem negociar compras programadas diretamente com as usinas, segundo o diretor.

- Esse pequeno e médio fabricante também fornece para os grandes. Então, tem uma inflação represada que é a diferença de preço que os pequenos e médios estão sofrendo versus os grandes - explica.

Bisi destaca que a falta e o preço alto dos insumos podem impactar na participação da indústria da transformação no Produto Interno Bruto (PIB) do país neste ano. Além desse fator, o aumento no preço da energia elétrica também preocupa, segundo o dirigente.

- Tem dois grandes problemas. Um é falta de insumos. Vai faltar insumo para a indústria crescer como teria de crescer, caso não haja aumento de produção de matéria-prima. A segunda questão é a crise da energia elétrica, que está nos preocupando - expõe Bisi.

A fabricação de automóveis também convive com problemas de matérias-primas. Além da dificuldade em relação ao preço do aço, o segmento sofre com a crise global de falta de semicondutores. Com carros cada

vez mais dotados de tecnologia, esses componentes eletrônicos são importantes na fabricação. A falta do material provoca a suspensão de operação em linhas de montagens e, consequentemente, impacta na oferta e no preço de alguns tipos de veículos.

Dificuldade em absorver aumento dos preços

A economista-chefe da Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul (Fecomércio-**RS**), Patrícia Palermo, reforça que o varejo enfrenta dificuldade ao tentar repassar os custos mais elevados da indústria. A economista destaca que a instabilidade econômica que afeta o orçamento das famílias dificulta ainda mais esse processo:

- Depois de um ano bem complicado, como foi 2020, os varejistas estão sendo bem seletivos no repasse de preços. O que a gente tem percebido no varejo é uma redução das margens, especialmente em produtos que não são considerados fundamentais dentro do orçamento das famílias.

A **construção civil** segue entre os segmentos mais afetados pela alavancada nos preços de insumos. O setor tenta equilibrar o alto custo de produção com o bom momento da venda de imóveis, que segue aquecida. O presidente do Sindicato da Indústria da **Construção Civil** do Rio Grande do Sul (**Sinduscon-RS**), **Aquiles Dal Molin Júnior**, afirma que o aço segue sendo o principal vilão, com aumento desproporcional. Levantamento da entidade aponta crescimento de 123% no preço desse material nos últimos 12 meses.

- Algumas **incorporadoras** estão represando os lançamentos, aguardando uma reacomodação dos valores dos insumos, para não correr o risco de ver sua margem de lucro reduzir ou ficar negativa. O mercado é um limitador. É impossível repassar o percentual que o aço subiu. O mercado de imóveis tem uma capacidade de absorção desse realinhamento de preços limitada - explica o presidente do **Sinduscon-RS**.

A indústria de móveis também tenta driblar o aumento no preço da matéria-prima. Chapas de madeira, de MDF e de MDP, e materiais para embalagem, como o papelão, estão entre os itens com maiores elevações no preço no setor moveleiro, segundo o presidente Associação das Indústrias de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul (Movergs), Rogério Francio. O dirigente afirma que o varejo precisa repassar em algum patamar o custo mais elevado ao consumidor, mas enfrenta dificuldade em um cenário de orçamento familiar cada vez mais prejudicado:

- Quando vai para o varejo, para o consumidor, tem de repassar aquilo que a indústria recebeu, mas houve uma queda, porque o consumidor não está com uma remuneração à altura de absorver esses aumentos. Por isso houve essa queda no consumo.

Site:
https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/noticia/2021/06/alto-custo-de-materia-prima-pressiona-industria-e-encarece-producao-ckqh53ulg005g0180krr04hvp.html